

A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO EM “O SENHOR DOS ANÉIS”

VINICIUS BORGES DE ALMEIDA¹; ISABELLA MOZZILLO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – vinibalmeida@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende investigar o fenômeno da alternância de código (ou *code-switching*) em “O Senhor dos Anéis”, trilogia escrita por J. R. R. Tolkien. Escolheu-se trabalhar com essa trilogia porque seu autor, além de escritor, foi também filólogo, e, por isso, preocupou-se não somente em produzir o enredo de sua narrativa, mas também em criar línguas e atribuí-las a seus personagens conforme suas raças e origens; temos, portanto, um universo bilíngue. Segundo Grosjean (1994), entende-se por *code-switching* “uma mudança completa de língua por meio de uma palavra, uma frase ou uma sentença” sendo até então descrito como um fenômeno inerente à conversação entre pessoas bilíngues.

O produto final do trabalho de criação de uma língua é uma língua artificial. Entende-se por línguas artificiais “todas aquelas que não surgem por necessidade natural de comunicação, produzidas através de uma atividade consciente” (STÖRIG, 1990).

A língua representada na história é o *westron* ou “Língua Geral” - é a língua em que os livros foram escritos, ou seja, originalmente em inglês e, no caso dessa pesquisa, em português. No decorrer da Terceira Era (época em que se passa a narrativa de “O Senhor dos Anéis”), o *westron* tornara-se a língua nativa de quase todos os povos falantes ou era usado como segunda língua de comunicação por aqueles que eram nativos de outras línguas. Os trechos utilizados para a análise neste trabalho contemplarão as seguintes raças: elfos, homens e *hobbits*.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, investigar se o *code-switching* acontece nas conversações entre as personagens (de mesma raça ou não) e, se sim, qual o tipo (apenas uma palavra ou frases inteiras) e quais seriam as razões ou motivações pelas quais ele ocorre segundo o modelo descrito por Mozzillo de Moura (1997).

2. METODOLOGIA

Realizou-se a leitura da trilogia “O Senhor dos Anéis”, dividida em três volumes: volume 1, “A Sociedade do Anel”; volume 2, “As Duas Torres” e volume 3, “O Retorno do Rei”. A partir daí, foi possível separar trechos de fala das personagens em que houvesse pelo menos duas línguas envolvidas. Por isso, foram desconsideradas passagens da “voz” do narrador em que há termos noutras línguas ou quaisquer outras explicações a respeito delas, justamente por não se tratar de uma interação entre as personagens.

Além disso, embora seja interessante avaliar aspectos gramaticais e estruturais das línguas criadas por Tolkien, este trabalho objetiva apenas se utilizar das teorias de línguas em contato, sobretudo o *code-switching*, em um universo bilíngue artificial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no prefácio de “A Sociedade do Anel”, Tolkien ressalta que seu trabalho é “fruto de uma inspiração primordialmente linguística, por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo 'histórico' para as línguas” (TOLKIEN, 2000).

Essa ideia traz consigo duas constatações importantes: primeiramente, o autor teve todo o trabalho e cuidado para criar as línguas e depois lhes conceder um “pano de fundo”, e não o contrário. Além disso, vê-se que “os mitos associados certamente enriquecem (...) e nos ajudam a compreender que tipo de 'sabor' linguístico Tolkien almejava (...)” (FAUSKANGER, 2011). Por outro lado, ao fazer isso, o escritor não somente compôs os mitos, mas também sustentou seus idiomas criados ao fornecer-lhes o essencial: falantes.

Para que a análise seja feita, é preciso traçar minimamente o repertório de línguas envolvidas nos diálogos entre as personagens. Como mencionado anteriormente, os trechos escolhidos são proferidos por personagens das seguintes raças: elfos, homens e *hobbits*.

Segundo o apêndice F de “O Retorno do Rei”, pode-se seguir o seguinte padrão:

- 1) O alto-élfico ou *quenya* e o élfico-cinzento ou *sindarin* para os elfos. O primeiro não era mais uma língua nativa, mas tornara-se um “latim élfico”, restrito a cerimônias tradicionais e canções; o segundo, entretanto, era adotado no uso diário e, dessa forma, tornou-se a língua de todos os elfos e senhores élficos que aparecem na história. Também eram capazes de utilizar facilmente o *westron* para se comunicarem com outros povos.
- 2) O *westron* ou “Língua Geral” era a língua falada pelos homens. Apenas parte deles, os *dúnedain*, conhecia também o *sindarin* e destes, alguns ainda haviam tido contato com o *quenya* por suas relações com os elfos no passado. Outros ainda falavam as línguas do próprio reino, tais como os habitantes de Rohan.
- 3) Os *hobbits* haviam adotado a “Língua Geral” desde muito antes da época de “O Senhor dos Anéis”. O protagonista Frodo e seu tio Bilbo eram exceções, pois também haviam aprendido incipientemente o *quenya* e o *sindarin* através do contato com elfos.

Uma vez sabendo esse padrão, passa-se agora para a análise dos seguintes trechos e de suas motivações:

- a. Solidariedade com o interlocutor** – “pode haver alternância ou mesmo manutenção do código linguístico com o fim de exprimir sentimentos de companheirismo ou compreensão” (MOZZILLO DE MOURA, 1997).

No trecho abaixo, Frodo (um *hobbit*), ao despedir-se de Gildor (um senhor elfo), alterna do *westron* para o *quenya*, proferindo uma sentença de despedida comum nesta língua, traduzindo-a logo em seguida:

“Agradeço-lhe muito, Gildor Inglorion – disse Frodo, fazendo uma reverência.
– *Elen síla lúmenn’ omentielvo*, uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro
– acrescentou ele, na língua dos Altos-elfos.

- Salve, amigo-dos-elfos! Disse Gildor fazendo uma reverência a Frodo.”

Ao alternar a língua, o *hobbit* demonstra uma relação de afeto com o elfo, aproximando a relação entre eles.

- b. Lealdade a uma cultura** - “em determinados casos, o emprego de uma determinada língua se impõe como o único possível pela necessidade de expressão plena de traços culturais” (MOZZILLO DE MOURA, 1997).



Em muitos trechos dos livros, houve a inserção de termos enquanto se falava *westron* pela especificidade do referente. Afinal, era mais fácil alternar o código do que explicar todas as vezes em que se queria mencioná-los. Isso aconteceu com os termos *lembas* (nome em *quenya*, era uma espécie de bolo preparado para viagens), *miruvor* (nome em *quenya* para o licor de Imladris), *athelas* (nome em *quenya* para uma espécie de folhas com propriedades medicinais), *simbelmynë* (nome em *sindarin* para uma flor branca que crescia próxima a túmulos) e *palantír* (nome em *quenya* para designar uma pedra capaz de mostrar o futuro). É preciso ressaltar que, mesmo se tratando de nomes élficos, personagens de outras raças também os falavam e compreendiam-nos.

Abaixo, estão alguns trechos em que esses termos aparecem e sua ocorrência de acordo com os volumes da trilogia:

“Fugimos sem levar quase nada, a não ser alguns pacotes a mais de *lembas*, e deixamos tudo para trás.”

“Apenas um gole para cada um... cada um de nós. É muito precioso. É *miruvor*, o licor de Imladris.”

“Estão secas e perderam um pouco o seu poder de cura – disse Aragorn -, mas ainda tenho aqui algumas folhas de *athelas* que colhi no Topo do Vento.”

“Para cá, até o mundo se acabar, nunca virão as flores de *simbelmynë*.”

“Os *palantíri* (plural) vieram de além do Ponente, de Eldamar”.

Tabela 1. Ocorrência dos termos listados de acordo com os volumes

	<i>lembas</i>	<i>athelas</i>	<i>miruvor</i>	<i>simbelmynë</i>	<i>palantír</i>
Volume 1	1	2	3	0	0
Volume 2	9	0	0	1	3
Volume 3	3	3	0	1	2

c. Situações de perigo ou de ameaça – nessas situações, a alternância de código acontecia ou para pedir ajuda a divindades durante situações de conflito ou para incitar os interlocutores à batalha.

No trecho abaixo, Frodo clama por socorro aos deuses élficos e, para isso, alterna para o *sindarin*:

“ - O *Elbereth! Gilthoniel!* – gritou alto, ao mesmo tempo em que golpeou os pés do inimigo”

Já a seguir, temos a conversa entre Frodo e Legolas (um elfo), pouco antes de avistarem o inimigo. O elfo, vendo a ameaça, alterna do *westron* para o *sindarin*:

“ - O que foi? – perguntou Frodo. – *Yrch!* – disse o elfo num sussurro chiado (...)”

Prestes a saírem para a batalha, Éomer (um homem) incentiva seus cavaleiros a combater o inimigo, e, para isso, alterna para a língua deste povo.

“ – Comande-nos – disseram os cavaleiros.

- *Westu Théoden há!* – gritou Éomer.”

Não há nome específico para esta língua e nem tradução disponível. Apenas se sabe que se trata da língua dos cavaleiros de Rohan e que Théoden é o nome do seu rei.

d. Ritos e cerimônias importantes – os elfos eram a raça mais habituada a músicas, danças e cerimônias. Boa parte das composições artísticas eram em *quenya*, oriundas de antepassados.

Dois trechos merecem destaque aqui. O primeiro deles, em “A Sociedade do Anel”, acontece em um diálogo entre Frodo e Galadriel (uma senhora elfa). Após um longo discurso em *westron*, ela alterna para o *quenya* e recita uma poesia de despedida:

“E você, Portador do Anel – disse ela, voltando-se para Frodo. – Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto: (...)

*Ai! laurië lantar lassi súrinen,
Yéni únótimë ve rámar aldaron!
(...)*

O segundo trecho ocorre no fim de “O Retorno do Rei” durante a volta dos *hobbits* após o êxito de sua missão. Homens e elfos estavam reunidos e, assim, houve manifestações em *westron*, *quenya* e *sindarin*:

*“Vida longa aos Pequenos! Louvai-os com grande louvor!
Cuio i Pheriain anann! Aglar ‘ni Pheriannath!
A laita te, laita te! Andave laituvamet!
(...)”*

4. CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto, percebe-se que a alternância de código também acontece em ambientes onde há bilinguismo entre línguas artificiais e esse fenômeno ocorre tanto com inserções de termos em sentenças – sobretudo de referentes próprios do universo de Tolkien - quanto em sentenças inteiras. Observaram-se duas motivações já mencionadas por Mozzillo de Moura (1997) e a elas foram acrescentadas, assim, as situações de perigo ou ameaça, bem como os ritos e cerimônias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- STÖRIG, J. H. **A Aventura das Línguas**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1990.
- GROSJEAN, F. Individual Bilingualism. **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, pp. 1656-1660.
- MOZZILLO DE MOURA, I. Motivações para a alternância de código no discurso bilíngue. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, Jan/Jun de 1997, pp. 51-67.
- FAUSKANGER, H.K. **Curso de Quenya: A mais bela língua dos elfos**. Curitiba: Arte & Letra, 2011.